

1  
—

Cartografando a Escrita  
de Autoras Negras



O cuidado é político. Carolina Itzá



Foto 1: Fotografia da oficina. Shai Andrade

# Notas de uma experiência de escrita com mulheres quilombolas do baixo sul da Bahia<sup>1</sup>

(...) eu  
que num vô rimá  
memória y dor  
(Tatiana Nascimento)

**O ESTUDO DO ROMANCE *UM DEFEITO DE COR***, iniciado em 2012, lançou-me ao século XIX na tentativa de aguçar minha escuta acerca do que nele narrava a protagonista Kehinde. Apreender os significados que a obra de Ana Maria Gonçalves, publicada em 2006, condensa ao transfigurar esteticamente quase 90 anos do regime escravista no Brasil sob a perspectiva de uma senhora africana e, em mesmo gesto, o discurso que tal relato produz sobre a contemporaneidade, constituiu-se um núcleo de trabalho capaz de fundir o curso das águas do passado-presente e redimensionar a compreensão de minha própria história.

As formas objetificadas com que as mulheres negras foram concebidas nas dinâmicas de escravização nos mutilaram e nos deixaram marcas indelévels. Dos estereótipos e estigmatizações encenados na literatura alçada à condição de nacional às hierarquias sociais excludentes que se apoiam na fragilidade da constituição e asseguuração

## **Fabiana Carneiro da Silva**

*É neta de Amada e de Quitéria, filha de Lourdes e mãe de Imani. Tece um caminho que alinha docência, pesquisa e ações artísticas no campo dos saberes contra-hegemônicos. Doutora e mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), Bacharelada e Licenciada em Letras (Português e Espanhol) por essa mesma instituição. Atua como professora adjunta no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Foi professora na rede básica de ensino e em projetos sociais, âmbito no qual destaca a proposição de oficinas de escrita autobiográfica para/com mulheres quilombolas. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER-UFSB); Integra o Grupo de Pesquisa Sobre o Corpo Feminino - Literaturas Africanas e Afro-Brasileira (UNILAB-CE). Desenvolve estudo sobre a produção artística negro-brasileira, sobretudo literária, detendo-se na análise das poéticas contemporâneas que propõem transfigurações do passado escravista no Brasil. Tem experiência de investigação e ensino nas seguintes áreas: literaturas de língua portuguesa e suas teorias, com ênfase na literatura brasileira; literatura e ensino; teoria literária e crítica cultural; estéticas negro-brasileiras; memória, narrativa e comunidades quilombolas. Concebeu e dirige a série Literatura Inteira e o projeto artístico Mulher meio-fio.*

*[fabicarneirodasilva@yahoo.com.br](mailto:fabicarneirodasilva@yahoo.com.br)*

---

<sup>1</sup> Algumas questões teóricas que atravessam e constituem esse relato foram desdobradas no artigo "EscreVivência na prática pedagógica: a narrativa de mulheres quilombolas em tensão com a política da morte no Brasil", publicado na Revista Remate de Males (n.40, jan-jun,2020).

dos mais básicos direitos, ainda no século XXI se fazem sentir as consequências e atualizações perversas desse sistema que, como afirma Vânia Maria da Silva Bonfim, operou a desumanização de todos os nele envolvidos (BONFIM, 2009). Ao agudizar a compreensão acerca desse processo, o trabalho de Bonfim somou-se à minha prosa interessada em uma perspectiva afrocentrada da literatura, sobretudo no que se refere ao aspecto que ela define como nuclear da “identidade contraditória da mulher negra brasileira”. De acordo com suas palavras:

A condição de escravizada ou subalternizada a que a mulher negra esteve submetida nos últimos séculos da história brasileira, num contexto social misógeno e de estigmatização racial, sobrepõe-se à memória histórica da mulher como protagonista nas sociedades africanas tradicionais. A vivência dessas duas condições forja o conflituoso dilema do contínuo refazer da identidade da mulher negra brasileira. (BONFIM, 2009, p. 220).

A despeito dos mecanismos de invisibilização e ocultamento, a história das mulheres negras, bem como sua presença nas Américas, antecede a narrativa que tem como ponto de partida o trauma da escravização. Haveria, assim, conforme afirma Bonfim, um “entrave tautológico” na tentativa de se compreender a subalternização da mulher negra a partir dessa mesma subalternização operada pelo regime escravista. Seria esse, segundo ela, um processo que distorce vias de compreensão dos africanos em diáspora em suas

“inter-relações históricas com outras sociedades” (BONFIM, 2009, p. 222). e, acrescento eu, outras temporalidades.

Submersa no profundo dessas reflexões e ativa na ginga constante entre o trabalho acadêmico e as práticas cidadinas de resgate e reelaboração coletiva de nossas matrizes africanas, eis que “uma noite acordei com uma estranha pergunta entalada em minha garganta” (EVARISTO, 2016, p. 15): quais as narrativas das mulheres negras aquilombadas nas comunidades rurais resistentes nos corações desses territórios? A indagação evocava Conceição Evaristo, se embecia de Carolina Maria de Jesus, ganhava força na palavra-vento de Maria Firmina dos Reis: o que querem contar essas mulheres? O que precisam dizer – e dizem - elas, irmãs, mães, avós, filhas, comadres? Foi então que entendi a urgência de um outro tipo de encontro, um encontro de pés na terra, no qual a conexão entre teoria e prática, leitura e escuta, fala e escrita, pudesse se dar sob o pulso sensível dessas demandas.

A convite de Renata Nascimento, integrando a segunda edição da Caravana Mulheres nas Artes<sup>2</sup>, parti, em 2017, rumo ao baixo sul da Bahia, onde fui recebida em três comunidades quilombolas, a saber: Lagoa Santa, Jatimane e Boa Vista (com a participação de pessoas de uma quarta comunidade, Jetimana<sup>3</sup>). De modo a sublinhar a dimensão contra-hegemônica das poéticas negro-femininas, busquei pedagogicamente fazer circular e mediei a

---

<sup>2</sup> Projeto idealizado por Renata Nascimento e, nesta edição, financiada pela Secretaria de Cultura da Bahia. Ficamos em média 15 dias em imersão nas comunidades.

<sup>3</sup> Foi esta uma primeira experiência de um trabalho que, depois, passou a estruturar meus projetos de extensão como professora universitária e teve continuidade em outras comunidades quilombolas, dentre elas, a comunidade de Arara, localizada no extremo sul da Bahia.



Foto 2: Roda de escrita. Shai Andrade

recepção desse rico e diverso acervo entre as mulheres dos territórios, de maneira suplementar às práticas de leitura, acionamos os conhecimentos e vivências das participantes a fim de tê-los como disparadores de exercícios de escrita literária — ancorando-me também, em parceria com Shai Andrade<sup>4</sup>, em outras linguagens artísticas, como a fotografia.

O conceito de escrevivência formulado por Conceição Evaristo, cintilou subjacente a essas práticas, sobretudo no que tange à relação que estabelece entre a experiência das mulheres negras no globo e a escrita, isto é, a ideia de que

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007).

Insubordinadamente, ao longo das semanas em que estivemos juntas, constituímos rodas com nossos corpos, dispostas a cavoucar o solo

---

<sup>4</sup> Shai Andrade é fotógrafa e educadora baiana. Sua obra pode ser encontrada em: <https://shaifotografia.tumblr.com/>

que sedimenta tantas e tão diversas experiências. Partilhamos memórias, diários, o cafezinho das tardes, cicatrizes, o segurar bebês, lacunas, saberes, dúvidas, o caminho de volta para casa. Com as próprias mãos, mexemos nessa terra fértil que somos e volvemos em sagrado o terreiro que formávamos. Com *Olhos D'água* nos encaramos. Lavamos o que ainda é dor e brincamos de nadar na correnteza-emoção das alegrias lembradas:

Uma noite acordei com uma estranha pergunta entalada em minha garganta: como eu nasci?

Uma noite acordei com uma estranha pergunta entalada em minha garganta: por que as pessoas que a gente ama se vão?

Uma noite acordei com uma estranha pergunta entalada em minha garganta: a teimosia de meu avô, não sei, por que meu avô não parava com a teimosia dele? <sup>5</sup>

Falamos, falamos, falamos. Um vozerio. Com esse coro cantado, viajamos. Estivemos em África e, nos mistérios desse oceano-mãe, caminhamos no que é ancestralidade e empretece de beleza o cotidiano. Depois, a passos firmes, o momento do extravio, expropriação, extradição, escravidão. Juntas resistimos. Chegamos assim no que ainda é campo de batalha, respiramos e gestamos nossas estratégias de re-ação. De posse da vida, sambamos.

Dessa confraria, surgiram escrituragens – orais e escritas<sup>6</sup> – que em sua produção desafiaram os mecanismos perversos que obliteraram sistematicamente o acesso à palavra pela comunidade negra (OLIVEIRA, 2005; BARROS & FONSECA, 2016). Ana Maria Gonçalves, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Cidinha da Silva, com seus projetos estéticos singulares, fizeram-se força que acolhe a hesitação do segurar a caneta e a determinação que impulsiona a projeção da voz pelo espaço. Os silêncios, prenes de memórias, não mais nos assustaram. Os limites e as diferenças, acolhidos como a pertinência do que é humano, deixaram de envergonhá-las. O poder da criação literária se fez arma para a reinvenção de si.

Hoje, quando esse relato é recordação, ponho-me a refletir sobre tais experiências de modo a fomentar e qualificar outras práticas. Iris Verena Oliveira, no artigo *Escrituragens e limites da identidade na produção de intelectuais negras*, mobiliza seu repertório de ações com as comunidades quilombolas do município de Nordestina, também na Bahia, para interpelar a nós, professores, pesquisadores, educadores que trabalham com essas comunidades, quanto aos riscos de essencialização delas. Com uma argumentação complexa e delicadamente tramada, ela aponta para certo uso pedagógico, nesses contextos, de um repertório já fixado do que

---

<sup>5</sup> Fragmentos dos textos produzidos nas oficinas de escrita respectivamente por Thaianne Silva Rosário, Mariele e Nathália Silva Rosário da comunidade Jatimane (BA). Depois da leitura e discussão do conto “Olhos D’água” de Conceição Evaristo foi sugerida a produção de uma escrituragem que partisse da frase com que dá início ao conto de Evaristo.

<sup>6</sup> Um vídeo-arte (que pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=ZQMvhu210aE&t=3s>) e um catálogo com os textos e fotografias produzidos pelas mulheres participantes das ações configuram-se como produtos desse trabalho.



Foto 3: Mulheres nas artes - Lagoa Santa. Shai Andrade



seria a “cultura negra”, o qual pode operar, segundo ela, como redutor das alteridades. Nessa direção, à luz de sua prática, escreve:

Entendo que a negritude dos blocos afro soteropolitanos, das escolas de samba cariocas e o Movimento Negro organizado, que se destaca em algumas regiões no país, não compõe o repertório de experiências das comunidades quilombolas de Nordeste. Nelas, o número de igrejas evangélicas neopentecostais é expressivo, a experiência religiosa dos mais velhos está alicerçada no catolicismo popular e a relação com a terra apresenta importantes contornos na forma como se definem. Por isso, o ser negro e ser quilombola, como compreendem os moradores de Nordeste, apresentam contornos peculiares. (OLIVEIRA, 2017, p. 633).

Destaca-se, assim, a necessária atenção e reconhecimento dos modos como as questões étnico-raciais surgem e são significadas cotidianamente por cada uma dessas comunidades. Considerar essas inscrições concretas, heterogêneas e descontínuas do quilombo é tarefa complexa, sobretudo, porque, conforme nos mostra Beatriz Nascimento, a passagem da instituição em si — experiência histórica do quilombo — para símbolo de resistência ocorre no final do século XIX. No século XX, “quilombo” adquire uma caracterização ideológica e retórica que lhe é sobredeterminante, em especial na forma como o termo é mobilizado pelos movimentos negros, como “instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto-afirmação étnica e nacional”. (NASCIMENTO, 1985, p. 41).

Ratificar a potência de sublevação semanticamente vinculada à ideia de quilombo esquivando-se

de essencializações e/ou reducionismos e estereótipos, é um dos desafios dos sujeitos comprometidos com esse espaço de trabalho. Assim, parece-me significativo que a produção literária de escritoras negras, bem como os textos criados por mulheres quilombolas a partir do contato com elas, possam permitir uma mirada em prisma para tais experiências e para o campo da fabulação inscrito nos territórios habitados por esses corpos.

Em consonância com a necessidade de elaboração de narrativas em que a mulher negra, enquanto sujeita, adquira uma representação complexa para além das figuras cristalizadas e orquestradas por uma lógica racista de controle e subordinação de sua imagem, está a produção das mulheres quilombolas no Brasil. Tais escritos, podem ser lidos sob a ótica do que primorosamente analisa Leda Maria Martins ao se debruçar sobre o acervo da literatura negro-feminina, isto é, como uma experiência de linguagem que tem o corpo como fundamento dos processos vivos e dinâmicos de inscrição, resgate e produção de conhecimentos e memórias, bem como de ressignificação dos referidos discursos de controle, de maneira que:

É no corpo mesmo da escrita que este outro Brasil se performa e se instala, e que a arte se quer também como ofício de transfiguração, de rearranjo da memória e da história. Nos retalhos dos textos aqui aludidos, os significantes voz, corpo e memória são os atavios que tecem o corpo alterno e alternativo dessa escritura. (MARTINS, 2002, p. 220).

É pela percepção dos índices de oralidade oriundos desses corpos, os quais colocam-se



Foto 4: *Escrevivências Quilombola*. Shai Andrade

diante de nós no encontro com os textos, que nos reconhecemos e habitamos um tempo e espaço outro. Tempo que se faz turvo e curvilíneo porque não é regido por uma lógica linear e, por vezes, teleológica fundante da civilização ocidental, sendo um espaço que se faz múltiplo e permeável por uma troca efetiva e afetiva de vivências. Como mulher migrante de ascendência afro-indígena<sup>7</sup>, pesquisadora e educadora atuante nos processos de ensino-aprendizagem, o debruçar-se sobre essa malha escritural faz-se mergulho em rio de

possibilidades e redescobertas do outro e de mim. Evocando a conta de memória que me transporta para o seio dessas comunidades, recoloco-me em meu trajeto e, a despeito do que ainda é impotência e labuta, ciente dos hiatos que traçam o meu caminho até elas, reacendo o sentido que torna a palavra motriz de meu destino. A literatura faz-se então serpente. Movimento que prescinde de começo e fim. Arco-íris que nos espelha. Um brajá de histórias que tem o fundamento da matéria vivida e a riqueza da chuva que molha. ■

---

<sup>7</sup> Parece-me caro afirmar – e o faço reiteradamente ao longo dos meus trabalhos – o reconhecimento dos privilégios que a condição de mestiça, na medida em que socialmente meu fenótipo é passível de ser lido, no Brasil, como branco, me conferem. O meu pertencimento afro-indígena, circunscrito a uma ascendência nordestina e sertaneja, adquire, portanto, um caráter, antes de tudo, de posicionamento político comprometido com a luta por equidade racial no território de exclusões e violências a que chamamos Brasil.



Foto 5: Mulheres nas Artes - Lagoa Santa. Shai Andrade

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de; FONSECA, Marcos Vinicius. (org.). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

BONFIM, Vânia Maria da Silva. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Coleção Sankofa, v. 1).

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In:

ALEXANDRE, Marcos Antonio (org.). *Representações performáticas Brasileiras: Teorias, Práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. In: *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

MARTINS, Leda Maria. Arabescos do corpo feminino. In: Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa; DUARTE, Constância Lima (org.). *Gênero e representação na literatura brasileira: ensaios*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2012, p.220.

NASCIMENTO, Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. In: *Afrodíaspóra*, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, Tatiana. *Baleias*. In: *Lundu*. Brasília: Padê Editorial, 2016.

OLIVEIRA, Iris Verena. *Escrevivências e limites da identidade na produção de intelectuais negras*. *Currículo sem Fronteiras*, v. 17, n. 3, p. 633-658, set./dez. 2017.

OLIVEIRA, Klebson. *Negros e Escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. Tese (Doutorado em Linguística). Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.